
FOTOGRAFIA DIGITAL E FOTOJORNALISMO

Ivan Luiz Giacomelli

Mestre em Engenharia de Produção

Professor de Fotojornalismo da UFSC

Resumo:

Este artigo analisa a introdução das câmaras fotográficas digitais em coberturas de eventos fotojornalísticos internacionais e historia a adoção desta nova tecnologia por veículos impressos de tiragem diária no Brasil e no estado de Santa Catarina. Compara e aponta vantagens e desvantagem no uso das câmaras fotográficas digitais no fotojornalismo diário. Aponta a necessidade de reciclagem profissional para os profissionais que irão operar com câmaras fotográficas digitais e conclui que esta tecnologia representa um diferencial competitivo na imprensa diária, razão pela qual ela se tornará irreversível a sua adoção.

Palavras-chave: fotojornalismo, fotografia digital, novas tecnologias

1. Introdução

A Copa do Mundo de futebol de 1994, realizada nos Estados Unidos, foi um dos primeiros campos de teste das câmaras fotográficas digitais para profissionais do fotojornalismo. Como é comum em eventos desse tipo, todos os fabricantes de material fotográfico colocam os seus novos modelos e lançamentos à disposição dos fotógrafos interessados em experimentá-los. Algumas câmaras digitais chegaram a ser timidamente testadas nessa Copa, mas como ainda eram equipamentos pesados, nada anatômicos e produziam imagens de baixa resolução, e a tecnologia de transmissão das fotos também não estava apurada, as máquinas digitais não deixaram boa impressão entre os profissionais.

A primeira vez que as câmaras digitais profissionais passaram por um teste rigoroso, durante a cobertura de um evento jornalístico, ocorreu no dia 28 de janeiro de 1996. Neste dia, os fotógrafos da agência de notícias *The Associated Press* (AP) usaram exclusivamente máquinas digitais para fotografar um grande evento: a final do campeonato de futebol americano Super Bowl, realizado na cidade de Tempe, no estado do Arizona. O equipamento testado foi uma câmara do modelo NC 2000, desenvolvida em conjunto pelo consórcio AP/Kodak/Nikon/Canon. Este consórcio foi criado para desenvolver câmaras fotográficas digitais para uso fotojornalístico. A idéia que originou a formação do consórcio era a de adaptar modelos de câmaras fotográficas convencionais para operar com tecnologia e aparatos digitais. Esperava-se, com isto, reduzir a oposição dos fotojornalistas contra a nova tecnologia, pois eles iriam trabalhar com a mesma câmara e acessórios que já estavam acostumados a usar em seu dia-a-dia.

Seis meses mais tarde, durante as Olimpíadas de Atlanta, no estado da Geórgia (EUA), o repórter-fotográfico Silvio Ávila, que cobria os jogos olímpicos para os jornais do Grupo RBS, foi um dos primeiros fotojornalistas brasileiros a utilizar uma câmara digital em uma cobertura internacional. A máquina havia sido adquirida pouco antes das Olimpíadas pela RBS, para ser usada pelos profissionais do jornal *Zero Hora*, e teve o seu desempenho aprovado pelo fotógrafo brasileiro. No retorno ao Brasil, Silvio Ávila chegou a redigir um manual sobre o funcionamento e a utilização da câmara e ministrou cursos de como manejar e explorar os recursos da tecnologia digital, para os demais fotógrafos do jornal gaúcho.

É provável que este tenha sido também o segundo grande evento a ser coberto exclusivamente com câmaras fotográficas digitais. Em 2000, os repórteres-fotográficos da AP (e de todas as agências internacionais de notícias³) trabalham exclusivamente com câmaras digitais. Para eles, a rapidez no envio das fotos aos jornais é um item importante, mais importante que a qualidade final da imagem. Eles têm clientes nos cinco Continentes e a cada hora tem jornal de alguma parte do mundo fechando sua edição. Aquela agência que conseguir enviar mais rápido as suas fotos terá uma participação maior neste mercado.

2. Fotojornalismo digital no Brasil

No Brasil, todos os grandes jornais diários e todas as revistas semanais de informação dispõem de máquinas fotográficas digitais. Alguns deles, como a *Folha de S. Paulo*, testam modelos de máquinas digitais, de vários fabricantes, desde 1992, e hoje só operam com câmaras digitais (Kodak DCS 520). Este também é o caso do mais novo diário de economia e finanças do país, o jornal *Valor Econômico* (uma *joint-venture* entre os grupos *Folha* e *Globo*), lançado neste ano de 2000, que opera só com câmaras digitais. Também em 2000 a Editoria de Fotografia do jornal gaúcho *Zero Hora* passou a operar com câmaras fotográficas digitais. Mas na maioria dos veículos da chamada grande imprensa, como a revista *Veja* e o jornal *O Estado de S. Paulo* e até mesmo os quatro principais jornais diários de Santa Catarina, a migração para a tecnologia é mais lenta e a maioria ainda adota o sistema híbrido^x, onde as novas câmaras convivem com as tradicionais movidas a filme fotográfico.

A primeira cobertura de um grande evento com câmaras digitais feito por fotojornalistas brasileiros ocorreu nos meses de julho e julho de 1998, na França. Naquele período, os cinco repórteres-fotográficos do jornal *Folha de S. Paulo* que estavam cobrindo a Copa do Mundo de futebol, usaram exclusivamente máquinas digitais, para registrar os jogos e o dia-a-dia da seleção brasileira. Os outros profissionais da fotografia do Brasil enviados à França trabalharam apenas ocasionalmente com câmaras digitais, pois muitos tiveram problemas de se adaptar à nova tecnologia.

A maioria deles enfrentou problemas de conexão e transmissão dos arquivos digitais, dificuldade que foi superada pela *Folha*. Para evitar problemas operacionais com o novo equipamento, o jornal paulista enviou uma equipe à França um mês antes do início da competição. Chefiada pelo repórter fotográfico Ormuzd Alves, a equipe pôde estudar as melhores formas e métodos de captação e transmissão das imagens, para aproveitar todas as vantagens proporcionadas pela fotografia digital.

Segundo o editor de fotografia da *Folha de S. Paulo*, João Bittar, o uso das câmaras digitais se mostrou vantajoso em relação ao sistema tradicional de captar as imagens, processá-las e enviá-las ao jornal: “os fotógrafos até tentaram trabalhar com as câmaras tradicionais, mas descobriram que com as digitais podiam enviar, sem muito esforço, 200 fotos por dia. Se tivessem que processar o filme, copiá-lo no papel e enviar o material por telefoto, só conseguiriam mandar 40 fotos por dia, e isso se nada desse errado durante a transmissão”.

Em dezembro de 2000, todos os 30 profissionais da Editoria de Fotografia da *Folha de S. Paulo*^x usam exclusivamente câmaras digitais. As máquinas convencionais servem apenas de back-up (câmara reserva), caso ocorra uma pane que inviabilize a captação digital direta no local do evento que está sendo fotografado. Desde 1998, a *Folha* investiu US\$ 2 milhões na digitalização de sua Editoria de Fotografia, com a aquisição de câmaras digitais, computadores portáteis, telefones celulares e softwares para edição e envio das imagens e em sistemas de armazenamento e recuperação das fotos digitais.

Em Santa Catarina, os diários de maior circulação^x já digitalizaram pelo menos parte do processo fotográfico. Eles utilizam a captação híbrida: ainda usam filme e produtos químicos para sua revelação, mas já não fazem mais cópias das fotos em papel fotográfico. Todos eles trabalham com escâners de negativo. As câmaras digitais profissionais já estão chegando às redações catarinenses, apesar de seu custo ainda ser extremamente alto. No *Diário Catarinense* os profissionais já dispõem de duas câmaras digitais para o trabalho do dia-a-dia.

Para o jornalista Jorge Meditsch, ex-editor executivo e responsável pela implantação da Editoria de Fotografia da revista *Época*^x, da Editora Globo, e hoje editor de notícias no sítio *Estadão.com*, a adesão à fotografia digital será maior nos veículos diários do que nas revistas semanais de informação. A agilidade proporcionada pela fotografia digital é o maior motivo para a adesão dos jornais à nova tecnologia. Essa adoção também beneficia as versões on-line destes veículos, que podem atualizar com maior rapidez as imagens de seus noticiários eletrônicos^x.

3. Vantagens da tecnologia digital

O jornalista Jorge Pedro Sousa, professor de fotojornalismo da Universidade Fernando Pessoa, de Porto (Portugal), e autor do livro *História Crítica do Fotojornalismo Ocidental*, também acredita que a adoção da tecnologia digital pelos meios de comunicação de massa é inevitável. Ele afirma que: “Tendo vantagens técnicas e econômicas, a fotografia digital será difícil de travar no campo da imprensa e não é nítido, sequer, que deva ser travada, inclusive não só porque pode haver alturas em que a manipulação digital dá à imagem valor acrescentado, mesmo em termos de interpretação e análise, mas também porque a digitalização facilita a reescrita de legendas e o arquivo”.

No fotojornalismo, a principal vantagem proporcionada pela fotografia digital é a rapidez com que as fotos ficam prontas para ser editadas. Pelo método tradicional, leva-se quase duas horas para completar o processo de revelação do filme até a produção da foto escolhida pelo editor. Na fotografia digital, se a imagem foi produzida com câmara digital, basta transferi-la ao computador e editá-la; se ela foi feita com câmara tradicional, é só revelar o filme e escaneá-lo para se ter o arquivo eletrônico. Para veículos que precisam fechar diariamente suas edições, como os jornais diários e os eletrônicos^x, com muitas notícias ocorrendo próximo ao horário de fechamento da edição, a câmara digital se revela um instrumento de elevada vantagem competitiva. Quanto mais atualizada estiver a edição, mais exemplares ela irá vender nas bancas. Segundo João Bittar, “boas fotografias na capa sempre alavancam as vendas do jornal nas bancas”.

Uma outra vantagem da fotografia digital, desta vez destacada pelo jornalista Jurandir Silveira, editor de fotografia do jornal *Diário Catarinense*, é a possibilidade do repórter fotográfico ver na hora, pelo visor de cristal líquido da câmara, como é que ficou a foto. Ele afirma que se “a foto não ficou boa ou se não gostou do enquadramento, o repórter elimina aquele arquivo na hora e faz uma imagem e outra até acertar. Na fotografia tradicional, ele só irá saber que houve algum problema com suas fotos depois de revelar o filme na redação”.

Jorge Pedro Sousa informa que a fotografia digital oferece mais oportunidades para a intervenção humana, já que a concepção e fabricação de imagens digitais têm processos mais estandardizados do que a fotografia tradicional. Entre os principais processos de manipulação digital, Sousa lista os seguintes:

“Ajustamento e contrastes tonais: escurem-se ou clareiam-se as imagens; realça-se ou atenua-se o contraste; Utilização de filtros digitais: usam-se quer filtros coloridos, que proporcionam efeitos semelhantes aos dos filtros na fotografia tradicional, quer *thresholding filters*, que põem em branco puro todas as zonas claras e em preto puro todas as zonas escuras, gerando efeitos mais dramáticos e singulares, quer ainda *posterization filters*, que simplificam a estrutura tonal de uma imagem num menor número de níveis; Reenquadramento; Destaque das figuras dos fundos; Sombreamento (*shading*); Conversão de positivos em negativos e vice-versa; Correções e alterações cromáticas; Realçamento de detalhes (*sharpening*); Efeitos de névoa (*smoothing*), o que também ‘remove’ pequenos detalhes; Realce ou atenuação do ‘primeiro plano’ (*foreground*) e do ‘plano de fundo’ (*background*); Extração das linhas estruturais; Retoque e pintura; Difusão através da interpenetração de

áreas coloridas adjacentes; Mascaramentos; Acentuação, diminuição, introdução e alteração de texturas; Simulacro de iluminação, inclusive de iluminação colorida; Projeções de vários ângulos da imagem (alteração dos pontos de vista); Mistura de imagens; Colocação, substituição e retirada de pessoas e objetos; Efeitos ópticos (reflexão, difração, transparência, refração, etc.); Efeitos atmosféricos; Ampliação e redução; Rotação e reflexão; Alteração e simulação da profundidade de campo; Corte e colagem; Efeitos de travagem ou de escorrimto do movimento; Combinação de imagens sintéticas e de ‘registro’; Replicação da imagem em superfícies de dimensão inferior da própria imagem; Distorções.”

4. Desvantagens da fotografia digital

A fotografia digital tem basicamente duas desvantagens, uma transitória e outra permanente. A desvantagem transitória está, ainda, no alto preço das câmaras digitais profissionais. Mas este problema, típico da era da informática, tende a ser resolvido com o aumento da produção em série e da descoberta de novas tecnologias de produção, que a cada ano faz os preços deste tipo de equipamento serem reduzidos à metade.

A desvantagem permanente envolve problemas éticos, com a extrema facilidade de manipulação e alteração do conteúdo das imagens proporcionado pelos programas de edição de imagens. Existem diversos exemplos polêmicos de manipulação digital de fotos pela imprensa nos últimos anos^x e, talvez, o exemplo mais conhecido seja a do escurecimento (e diabolização) de uma foto do ex-ator O. J. Simpson - acusado de ter assassinado a ex-esposa e o amante dela -, publicada na capa da revista *Time*, em 1989. No Brasil, o caso mais notório foi o apagamento do rosto e do tronco (mas não dos membros inferiores) do cineasta Bruno Barreto, pela revista *Veja*, edição de 18 de fevereiro de 1998.

Segundo Jorge Pedro Sousa, para combater esse tipo de manipulação, a Associação Nacional dos Repórteres Fotográficos (NPPA) dos EUA pediu, ainda em 1989, um código de ética para regular a manipulação digital de imagens. A *The Associated Press* adotou políticas oficiais de não alteração/manipulação do conteúdo das fotografias. No Brasil, a discussão sobre as possibilidades de alteração do conteúdo das imagens não tem avançado, mas jornais como a *Folha de S. Paulo* e *Diário Catarinense* adotam normas éticas internas que proíbem a alteração ou eliminação de conteúdo total ou parcial de imagens digitais. O único tratamento

por que passam as imagens digitais é aquele destinado a melhorar o aspecto gráfico da foto, como correção de cores, brilho e enquadramento. Para João Bittar, “a credibilidade é o maior patrimônio de um jornal e na *Folha de S. Paulo* não admitimos qualquer manipulação que altere o sentido que o profissional quis dar a uma foto”.

5. Fotografia digital exige reciclagem profissional

O computador chegou às redações brasileiras em meados da década de 80. Segundo Maria José Baldessar, autora de dissertação de Mestrado intitulada *A mudança anunciada: o cotidiano dos jornalistas e a revolução informacional*, a introdução dos microcomputadores “mudou o cotidiano profissional dos jornalistas, que tiveram de se adaptar a uma outra realidade profissional: a exigência de maior qualificação, a especialização crescente, as modificações nas condições de trabalho e, sobretudo, a intensificação do trabalho”.

Inicialmente essa nova realidade ficou restrita aos profissionais do texto, não afetando diretamente os fotojornalistas. A revolução informacional só começou a chegar às editorias de fotografia uma década depois, quando os programas de editoração eletrônica e de edição de imagens e os primeiros escâners foram se tornando populares nas redações. Nos últimos dois anos, porém, as estruturas das editorias de Fotografia estão sendo sacudidas pela consolidação da fotografia digital – o que está levando a maioria dos grandes jornais brasileiros a, simplesmente, lacrar seus laboratórios fotográficos.

Mas não é só a estrutura física das editorias de fotografia que está mudando sob a força da tecnologia digital: os conceitos e técnicas fotojornalísticas estão sendo revistos para se adaptarem à nova forma de fotografar. A imagem digital altera, inclusive, alguns conceitos tradicionais da linguagem, composição e enquadramento fotográficos.

O reduzido tamanho do CCD (cerca de um centímetro quadrado), por exemplo, aumenta a distância focal das objetivas em cerca de 1,5 vez, em média^x – uma objetiva normal (50 mm) vira uma meia-teleobjetiva de 75 mm numa câmara digital de 35 mm. A proporção do negativo 135 (24 x 36 mm) - que é de 1 por 1,5 - muda, em algumas câmaras digitais da linha amadora, para 3 por 4, ou seja, o enquadramento passa de retangular para um quase quadrado. Isso se deve ao fato da imagem digital ter surgido para ser vista na tela de TV (e no monitor do micro), já que os primeiros Dispositivos de Carga Acoplada equipavam câmaras de vídeo.

Ao mesmo tempo em que abandonam as películas, os papéis e os químicos fotográficos, os fotojornalistas ficam dependentes do computador e dos softwares. Ou seja: a tecnologia digital transforma a câmara fotográfica (e a fotografia) num periférico, num simples apêndice do computador. De acordo com William Mitchell, a característica essencial da informação digital é que ela pode ser rápida e facilmente manipulada pelo computador. Essa nova realidade exige uma completa reciclagem e requalificação dos profissionais da imagem.

Um dado que reforça esta necessidade é de que entre as diversas funções que podem ser exercidas exclusivamente por jornalistas, a de repórter fotográfico é uma das poucas que não exige educação formal, de nível superior, para ser exercida. Mas não é só nas redações que os fotojornalistas precisam ser reciclados: nas escolas que formam jornalistas, a requalificação dos professores que ministram disciplinas de fotojornalismo deve ser tratada como um assunto prioritário a ser resolvido, mesmo porque as atualizações e aperfeiçoamentos das tecnologias aplicadas à fotografia digital ocorrem todos os dias.

Para Sabine Susstruck “apertar um botão já não garante uma imagem utilizável. Tomar uma decisão adequada sobre que processo usar, não só requer um conhecimento profundo das diferentes opções proporcionada pela tecnologia digital, mas também da nova teoria da fotografia eletrônica e das limitações práticas dos sistemas de hoje”.

6. Conclusão

Da invenção do CCD até hoje, trinta anos se passaram. Neste período, o Dispositivo de Carga Acoplada evoluiu de um instrumento defeituoso e caro, tal como ele se constituía no início dos anos 70, para se tornar um componente fundamental dos equipamentos de captação de imagens digitais, no início dos anos 90. Inicialmente disponível apenas para uso de astrônomos, cientistas e empresas de alta tecnologia, hoje é possível encontrar produtos fabricados com sensores CCD como câmaras fotográficas e de vídeo, escâners, aparelhos de fax, etc., até mesmo em feiras populares de produtos importados, com qualidade e preços acessíveis. Novos processos de fabricação, produção em larga escala e o desenvolvimento de novos tipos de sensores para captar imagens (como a tecnologia CMOS) irão baratear e popularizar ainda mais as câmaras fotográficas digitais, fato que tornará o fotojornalismo diário ainda mais ágil, importante e impactante.

Acreditamos que a digitalização da fotografia nos jornais é um processo irreversível, pois constatamos que a tecnologia digital produz vantagens que beneficiam não apenas as empresas jornalísticas, mas também o leitor, que recebe um produto mais atualizado.

Referências:

- BALDESSAR, Maria José. *A mudança anunciada: o cotidiano dos jornalistas e a revolução informacional*. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, 1998.
- BIDNER, Jenni. *Digital photography: a basic guide to new technology* (The Kodak Workshop Series). Rochester: Silver Pixel Press, 2000.
- CMOS active pixel sensor technology. Disponível em: <<http://www.photobit.com/tech.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2000.
- CURSO de imagem digital Fujifilm. São Paulo: Fujifilm, 1999.
- ESTRELA SOBE, A. *Veja*, São Paulo, 18 fev.1998. Cinema, p.86-91.
- HERSHALL, John. *Electric Chip & Chop*, artigos analíticos sobre fotografia digital. Disponível em: <<http://www.epi-centre.com>>. Acesso em: 26 jun.2000.
- JANESICK, James R. *Scientific Charge Coupled Devices*. Bellingham: Spie Press Monograph, 2001.
- MITCHELL, William J. *The reconfigured eye: visual truth in the post-photographic era*. Cambridge: The MIT Press, 1998.
- SAWER, Ben, PRONK, Ron. *Tudo sobre câmaras digitais*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 1997.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.
- SUSSTRUCK, Sabine. *Integration of electronic imaging into photographic education*. Rochester: Rochester Institute of Technology, 1995. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/textos/artigos/sabine.html>>